

Samora Machel é pedagogo da Revolução em Moçambique

— afirma Aquino de Bragança em palestra na ONU

Aquino de Bragança, jornalista, conhecido professor universitário e estudioso de mérito internacionalmente reconhecido sobre os processos de libertação das antigas colónias portuguesas considerou, quarta-feira, o Presidente Samora Machel, um homem «fundamentalmente pedagogo» em todo o seu itinerário que o ligou à libertação de Moçambique.

Aquino de Bragança, Director do Centro dos Estudos Africanos da Universidade Eduardo Mondlane, falava na noite da véspera do 50.º Aniversário Natalício do Presidente Samora Machel, numa palestra organizada pela Organização Nacional dos Jornalistas (ONJ), para os profissionais de Informação.

— É preciso compreender as lições

de Kongwa para assumir a perspectiva samoriana da Revolução em Moçambique. Sobre este assunto em que gravitou a palestra que reuniu jornalistas interessados em conhecer a trajectória combatente daquele que, com o exemplo prático demonstrou ser já um clássico da revolução em África — o Marechal Samora Machel — insistiu o professor Aquino de Bragança

para que se faça um estudo aturado, para que não se caia no verbalismo.

Depois da exposição de Aquino de Bragança, o tema transformou-se numa sessão de troca de experiências dos jornalistas sobre o seu trabalho com o Presidente Samora Machel em que o carácter eminentemente pedagógico do dirigente máximo da Revolução Moçambicana em relação à leitura moçambicana do marxismo é a marca notável deixada pelo relacionamento travado por estes com o dirigente do nosso País.

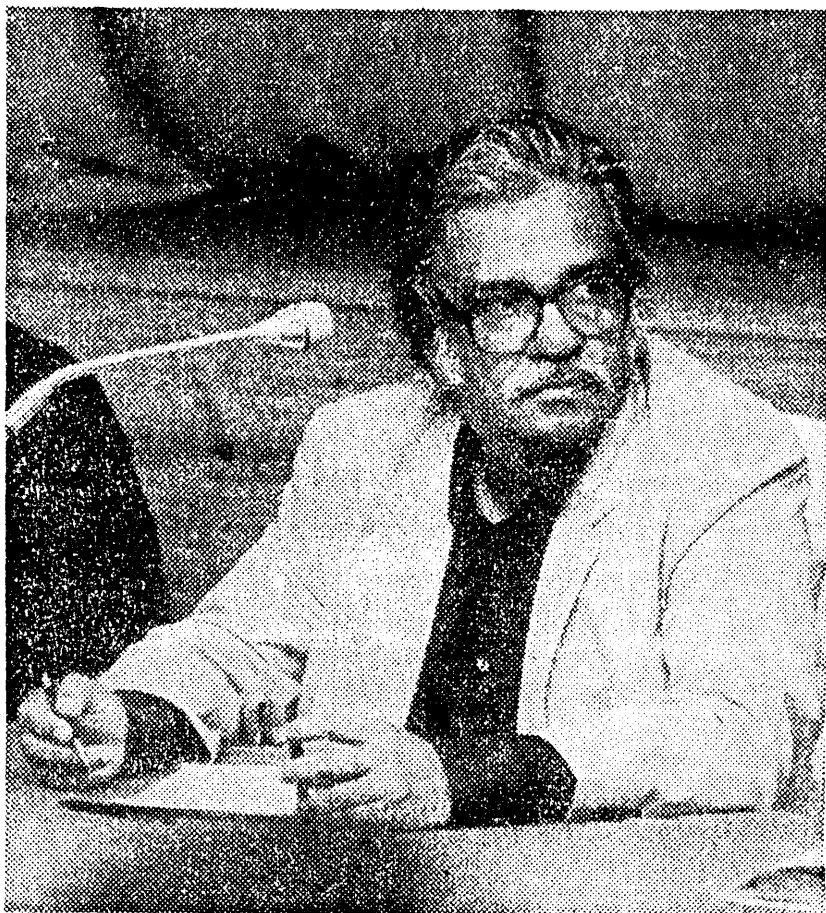
Intelectual veterano e companheiro da primeira hora daqueles que em Moçambique decidiram pegar em armas para pôr fim ao colonialismo, entre os quais Samora Machel, o professor Aquino de Bragança sustentou que para compreender a dimensão humana de Samora Machel impõe-se, em primeiro lugar, analisar o que é que teria sido a Frelimo sem Samora Machel e vice-versa.

Introduzindo aos jornalistas a figura de Samora Machel, Aquino de Bragança falou daquilo a que chamou da «perspectiva samoriana» da Revolução em Moçambique, o que não é nenhuma categoria, senão um conceito indispensável quando se pretende fazer uma leitura moçambicana do marxismo no nosso País, a partir de Moçambique.

A «perspectiva samoriana», assinou Aquino de Bragança, é um instrumento que nos permite a compreensão da problemática nacionalitária que Samora Machel desenvolve na FRELIMO com particular incidência em Kongwa.

Sendo Kongwa um dos dois primeiros campos militares da FRELIMO dirigido por Samora Machel, desenvolve-se neste centro, graças à sua acção de direcção, uma mutação importante que marcou a FRELIMO — a criação de um projecto moçambicano de Luta Armada, depois transformada em Revolução.

Foi com o Presidente Samora Ma-



«É preciso compreender as lições de Kongwa» — Aquino de Bragança

chel que em Kongwa assumiu-se a necessidade de um projecto genuinamente moçambicano de libertação de Moçambique. Como sublinhou Aquino de Bragança, o desencadeamento da Luta Armada foi minuciosamente preparado naquele campo num processo em que Samora Machel desempenhou um papel bastante importante. Aí recusou-se a dicotomia do político-imitar, assumiu-se a luta armada como um processo eminentemente político.

Isto foi possível através de uma análise crítica que se fez na FRELIMO das outras lutas de libertação

Durante a recepção, realizada anteontem, no Palácio da Presidência, o Presidente Samora Machel apresentou Aquino de Bragança como «monumento vivo da luta de libertação nacional».

«Aquino foi um mestre na divulgação, no exterior, da originalidade da Revolução moçambicana», disse o Presidente Samora Machel na ocasião.

nacional, não só do Continente Africano, e porque Samora Machel já tinha abandonado certas práticas da luta nacionalista e decidido pegar em armas.

O desencadeamento da Luta Armada em Moçambique foi sempre preocupação pedagógica de Samora Machel, na perspectiva de moçambicanizar a luta. Por causa disto, rejeitou-se na FRELIMO o ser-se pró-isto ou aquilo, sublinhou Aquino de Bragança.

Pelo papel pedagógico de Samora Machel e pela sua virtude de abstracção por um processo a vir, o marxismo em Moçambique aparece num período em que houve a necessidade de uma melhor definição do inimigo, disse Aquino de Bragança.

Fez um apelo para que através do estudo da pedagogia samoriana do processo revolucionário moçambicano os jornalistas e intelectuais façam, um estudo moçambicano do marxismo, o que passa pelo o debate.